This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
F4737
cp
1885

A 469449

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES ·

Firmino Candido de Figueirêdo

CONFIDENCIAS

VERSOS

SEGUNDA EDIÇÃO

PERNAMBUCO

1885

22/1/70

CONFIDENCIAS

Firmino de Figueiredo

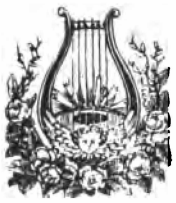
CONFIDENCIAS

VERSOS

DE

Firmino Candido de Figueirêdo

SEGUNDA EDIÇÃO



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA APOLLO
1885

869.5
F4737cp
1955

B5743 - 190

CONFIDENCIAS

Dei este nome aos meus singellos versos, porque nelles encerram-se alguns segredos de minh'alma.

Não os fiz com a pretenção de alcançar um nome, nem os compuz para ganhar o titulo de poeta, que não aspiro, porque bem longe estão elles de merecer o doce nome de poesia.

A minha pobre lyra é antiga, por isso mesmo que o trovador é velho ; foi ella afinada pelas vozes do coração e de accordo com o sentimento d'alma.

Não receio a critica, porque tenho a franqueza de confessar, que nestas estrophes não ha estylo nem arte ; portanto, a critica, penso eu, nada tem que ver com ellas.

Em todo caso solicito indulgencia dos que, por indole, passam por criticos.

FIRMINO DE FIGUEIREDO.

DEDICATORIA

ILL.mo AMIGO SR. ANTONIO PEREIRA DA CUNHA.

As muitas e repetidas provas de estima e immerecido aprêço, que de V. S.ª tenho recebido, constituiram-me na obrigação de retribuir-lh'as sempre, ainda que por maneiras as mais singelas.

Offerecendo hoje a V. S.ª a segunda edicção das minhas — CONFERENCIAS —, versos que escrevi em diversas phases de minha vida, dou um testemunho do cumprimento dessa obrigação, o que faço, não preciso dizer. com o maior desvanecimento.

Queira, pois, acceitar este fraco tributo do meu sincero reconhecimento e verdadeira gratidão.

De V. S.ª
Amigo obrigadissimo,

FIRMINO CANDIDO DE FIGUEIREDO.

CARTA DO SENADOR POMPEO AO AUTOR

ILL.^MO SNR. FIRMINO CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Tive a honra de ser obsequiado por V. S.ª com o seu mimoso volume de poesias — CONFIDENCIAS —, e peço-lhe perdão de não ter ha mais tempo cumprido o dever de agradecer-lhe esta fineza.

Já conhecia algumas de suas producções publicadas nos jornaes, e apreciava seu talento poetico; mas não foi sem grande prazer que li nesse precioso volume a collecção dessas poesias, entre as quaes mais me agradaram, e admirei, as que revelam sentimentos religiosos e piedosos, como as duas primeiras, que glorificam a Divindade e exaltam o amor maternal.

Aceite V. S.ª, a par de meu agradecimento, as felicitações pela sua brilhante producção com que enriqueceu a litteratura nacional.

E igualmente os protestos de consideração e respeito com que sou

De V. S.ª

Att.º ven.^or e resp.^or cr.º

THOMAZ POMPEO DE SOUSA BRASIL

Fortaleza, 27 de Novembro de 1869.

DEUS

Quem fez a lua, que o universo aclara,
De luz tão clara, quem o sol creou?
Quem as estrellas poz no firmamento?
Quem fez o vento, quem o mar gerou?

Quem os insectos alimenta e cria,
Na terra fria quem os fez morar?
A meiga rosa quem cingiu de espinhos?
Aos passarinhos quem os fez cantar?!

Quem fez da terra rebentar as flores,
Tão lindas cores quem lh'as deu assim?
Quem fez o rio caudaloso e forte,
Quem vida e morte nos cedeu emfim?

Quem fez o homem de sciencia cheio,
Eu firme creio, fostes vós, Jezus!....
Autor de tudo, quanto o mundo encerra,
O céo, a terra, o mar, o vento e a luz.

A MINHA MÃI

Murchaste, oh ! lyrio do jardim da vida,
Da morte o sopro encurtou teus dias !
Hoje repousão n'um silencio eterno
Tuas cinzas caras entre lagens frias !

Cumpriste o dogma da missão celeste,
Foste tão meiga, mãi tão carinhosa,
Lutaste tanto com os vai-vens da sorte,
E a mão da morte foi bem impiedosa !

Vibrou tão forte contra ti seu golpe,
Cingiu-te a fronte com nebuloso véo !
Roubou-te a falla, a côr, o brilho e a vida !
Tu'alma santa foi viver no céo.

Qu'importa o corpo, que baixou na campa,
Se manda o céo a sacra lei sublime ? !....
— O corpo é terra e em terra se converte....
De tal preceito quem é que s'exime ?

.....

Acceita um ai de quem teu nome chora,
De quem perdeu o primeiro amor da terra ;
Amor de mãi.... amor constante e puro,
Que é mais que tudo quanto o mundo encerra.

Um Pranto

Quão bella a vida me sorria outr'ora,
Nos tempos idos que contente amei!
Onde os encantos dessa quadra linda?
Tudo extinguiu-se, mas só eu fiquei!

Mesmo esses campos onde as flores brotam
Singelas rozas não brotarão mais!
Tudo é mudado! Que saudade eu tenho!
Que dor profunda me suffoca os ais?!....

Tudo extinguiu-se, ai, não poude ainda
Tão longo tempo suavisar-me a dor,
Abre no peito da saudade as dores
Sangrenta chaga, que nasceu do amor.

Assim meu peito, relembrando as magoas,
Chora a lembrança de um amor sem fim ;
Quão doce é o pranto que recorda um tempo!
Chora minh'alma a quem chorar por mim.

Ah ! quantas vezes partilhou dos males,
Que o pobre filho supportava então !
Jamais no mundo encontrarei um'alma
Tão pura e santa como aquella ; não !

Voraz a morte succumbiu-lhe a vida,
Quasi enlouqueço supportando a dôr ;
Chorei a perda de uma mãi piedosa
Sentindo a falta de um constante amor.

Chorei um anjo de bondade extrema,
Chorei a morte de quem deu-me o ser ;
Morreu, mas vive dentro em mim gravada
Pallida e triste, como a vi morrer.

.....
.....

Lá entre os anjos na mansão dos justos,
Meu pranto acolhe, que por ti se esvai ;
Lembra teu filho, que te adora ainda,
Recebe delle estremecido um ai.

Quando Eu Morrer

Quando meu corpo se abysmar na campa,
Descanso eterno do infeliz mortal,
Deixem que a virgem, que adorei na vida,
Veja os meus restos na mansão final.

Dourada lousa não m'enfeite a campa,
Não quero as pompas, que a riqueza tem ;
Simples cruzeiro collocado em frente,
Cypreste esguio, que se aviste alem.

Brotem os goivos e as saudades rôxas ;
Tristonhos lyrios de sentida côr ;
Funebre emblema de meus dias tristes,
Ornai a campa do infeliz cantor !

E tu, donzella, vai colher as flores,
Que germinarem sobre o peito meu,
Se um ai ouvires de saudade infinda,
Não temas, virgem, de quem já morreu !

Rega-me a campa com teu pranto amigo,
Zelosa guarda meu feral jardim ;
Ergue teus olhos para o céo clemente,
Entôa um canto ao Creador por mim !

Mas quando um dia minha ossada negra
Coveiro estranho revolver do pó,
Guardem-na os poucos meus amigos fidos
Do cemiterio lá n'um canto só.

Então, donzella, tu verás um craneo,
Que outr'ora vivo só pensava em ti,
Hoje, coitado ! sobre a terra fria,
A mão da morte empoeirou alli.

Verás a um lado minha mão mirrada,
Crispada a êsmo, despresada ao chão ;
Ai ! quantas vezes comprimiu teu corpo
Na louca dansa de um gentil salão.

. . . . . .

Quando meu corpo se abysmar na campa,
Descanso eterno do infeliz mortal,
Vem tu, donzella, que adorei na vida,
Chorar meus restos na mansão final.

No Leito da Morte

Ei-lo sentado ; pelas faces lividas,
Murchas, sombrias pela febre ardente,
Dous fios correm de sentidas lagrimas,
Flores cahidas na estação virente !

Olhos vermelhos ! para o céo em supplica
As mãos levanta, soluçando implora !
" Grande martyrio, minha vida extingue-se,
Morte precoce me festeja a aurora.

" Onde a estrellinha, que brilhou tão vivida
Na linda infancia, que passou tão pura ?
Tudo nublou-se ! o fatal relampago
Trocou-me o dia pela noite escura...

" Como o arvoredo, que perdeu as tremulas
Folhas viçosas, que a estação lhe deu,
A vida foge do meu corpo languido,
Sombra, phantasma de quem já viveu !....

" Moço, tão moço! vou descer ao tumulo.
Dura verdade meu soffrer attesta....
Cêdo, tão cêdo! vão sumir-se os canticos
Da mocidade no sorrir da festa!....

" O amor, a gloria, a mocidade fervida,
Fallaz mentira, que veloz passou,
Perpetuas, goivos, junto á cruz marmorea
Cóva medonha mergulhar eu vou....

.....

Parou anciado, pelo rosto pallido
Pranto sem queixa gotejando vai....
Orphão nascido no crescer da magoa
Entre os gemidos soluçando cai....

" Sinto estreitar-me estremecido amplexo!
Pára, meu sangue!.... A murmurar tornou;
Roça meus labios regelado osculo,
Vulto medonho junto a mim parou!....

" É a morte, é a morte que me aperta os musculos,
Ai ! vida, vida que te vaes findar !....
Quantas lembranças se aglomeram turbidas,
Quanta saudade que me faz chorar ? !....

" Meus lindos sonhos de illusão—mentiram-me,
Foram-se os risos, só ficou-me o pranto !
Ai ! nem as vozes do ribeiro limpido
Vem da floresta recordar-me um canto !

" Um canto, ao menos, que provoque as lagrimas
Mais abundantes, que custosas veem !
Té mesmo o pranto se escaceia e falta-me,
Nem um consolo vem me dar alguem !

" Correi, meu pranto, verdadeiro balsamo
Filho da magoa, que me rala o peito;
Quantas angustias, que tormentos barbaros
Tenho soffrido neste pobre leito !....

" Ai ! mundo, mundo enganador impavido,
Fica sorrindo dos martyrios meus;
Só prantos déste ao viajor incognito,
Fezes na taça dos banquetes teus.

.....
.....

" E tu, donzella, que me déste angelicos
Ternos sorrisos no sorrir d'aurora,
Guarda a lembrança desse amor benefico,
Que para sempre vai findar-se agora!

" Veste a roupagem da viuva pallida,
Sólta os cabellos e o sorriso occulta,
Chora esse pranto, que traduz as magoas,
Magoas pungentes, que na dôr exulta.

" E assim vestida vai carpir em extasis
Bem alta noite no sepulchro meu....
Em doce canto levantando a supplica
De mãos erguidas — implorando o céo. "

Canto no Mar

Era alta a noite. Um barquinho
Sobre as aguas vellejava;
E o remeiro solitario
Tristemente assim cantava:

" Quem me pode escutar nesta altura
Os segredos, que est'alma contém?
Ai! quem póde enxugar-me este pranto,
Que na barba se embebe?—Ninguem!....

" Estas ondas, que vão para a terra,
Levarão meu barquinho tão só;
Ficará meu cadaver nas aguas,
Mergulhado n'um tum'lo sem pó.

" Ai não quero um instante de vida,
Dessa vida de amor tão fallaz ;
Findarão de uma vez para sempre
Meus queixumes, meus prantos, meus ais.

" E jamais me verão alta noite,
A ardentia cortando do mar !
Se os peixinhos escutam meus cantos,
Nunca mais ouvirão meu cantar.

" E amanhã, na deserta enseiada,
Onde as vagas reboujam aos cem;
Entre espumas e buzios da praia
Irão ter os meus restos tambem.

" Não terei um sepulchro, uma lousa,
Onde possam meu nome escrever;
Sobre as vagas não brotam as flores,
Os cyprestes não podem nascer.

" Descançado dos transes da vida,
Dormirei sobre a costa, ao luar;
—Pescador, que velais alta noite,
Apanhai o engeitado do mar.

" Lá, nas sombras dos verdes coqueiros,
Abrigai-lhe o cadaver no chão;
Se souberdes seu nome—segredo !
Se souberdes quem é....—compaixão. "

RESIGNAÇÃO

Surge a vaga encapellada
Do fundo seio do mar;
Cresce, empola-se e desaba,
Vai na costa arrebentar.
E na volta, arrebatada,
Leva a conchinha doirada,
Que na areia adormeceu....
Assim os transes da vida
Roubam-me a esp'rança querida,
Que em meu peito floresceu!

Gemem cedros e palmeiras
Ao sopro do vendaval,
Que da floresta as ramagens

Vai rebentando fatal.
E as florinhas tão mimosas,
Que nasceram melindrosas,
Murchas rolam pelo chão....
Assim murcha a pura crença,
Deixando-me a dôr immensa
Nas fibras do coração.

Grossas nuvens pelos ares
Negro céo formando vão;
Brilha o facho-meteóro,
Após rebenta o trovão.
E depois da tempestade
Vem d'aurora a claridade
D'outro dia que raiou....
Só não vem serena calma
Para a tormenta dest'alma,
Qu'em martyrios se abysmou!

.....

Foi tão breve e curto o instante,
Que o meu peito embriagou!
—Nivea estrella rutilante
Que no espaço se apagou!—

Onde os encantos da vida,
Quando a esperança é perdida,
Quando a descrença nos vem?
Phantasma, espectro da morte,
Abandonado da sorte,
Escarnecendo do bem!....

Recebo, meu Deus, a taça,
Se repleta foi por vós....
Não maldirei suas fezes,
Não me ouvireis uma voz!
Se é meu destino o tormento,
Não soltarei um lamento,
Nem me ouvirão soluçar;
Se em vez do pranto um sorriso
Para enganar fôr preciso,
Hei de sorrir e.... cantar!

De Tarde

O sol quando desce por traz da montanha,
Tingindo o horisonte com rubro fulgor,
Porque é que sentimos saudade tamanha
Ness'hora de encanto, ness'hora de amor?

Parece que as ondas soluçam queixumes,
Na praia quebrando com surdo rumor;
E as flores derramam seus doces perfumes
No campo relvoso de lindo verdor!

Parece que o vento saudoso suspira
No galho da planta, no calix da flôr,
E o bardo, tangendo nas cordas da lyra
Sen canto magoado, só falla de amor.

Deslisa-se a fonte em corrente de prata,
Beijando a campina, lhe dando frescor,
No meio do bosque lá freme a cascata,
E o sol vai fugindo, perdendo o calor.

Eu amo essa hora de tanta saudade,
Eu amo a saudade, que é socia de amor,
Minh'alma s'embebe das horas da tarde,
Na vaga tristeza, no vago langor.

O sol quando desce por traz da montanha,
Tingindo o horisonte de vivo rubor,
Lacera meu peito saudade tamanha,
Ness'hora da tarde, que falla em amor.

Alta Noite

Ai ! como é doce o meditar sosinho,
Bem alta noite, quando a terra é calma;
Sentir aos poucos o embeber do espinho,
Que da saudade vem ferir minh'alma.

Escuto a onda, que, beijando a praia,
Solta um gemido, que no espaço morre;
Contemplo a lua, que no céo desmaia,
E a mansa brisa, que de leve corre.

Bebo os perfumes, que derramam flores,
Ouço a linguagem, que o silencio tem ;
Piam nos ares funeraes cantores,
Deslisa a fonte que murmura além.

E a branca lua, que no céo vagueia,
Nas quietas ondas seu perfil namora;
Assim minh'alma de afflicções tão cheia,
De então se lembra, e de saudade chora.

É nessa hora de tristeza immensa,
Que eu soffro e gemo sem contar a magoa:
Sinto da esperança ir fugindo a crença,
Planta que morre pela falta d'agoa.

E assim me entrego a meditar profundo
Nos bellos dias, que vivi criança;
Naquelles tempos, que importava o mundo?
Tudo era riso, placidez, bonança.

Mas hoje eu amo o meditar sosinho,
Bem alta noite quando a terra é calma,
É-me tão grato o embeber do espinho
Que da saudade vem ferir minh'alma!

Recordação

Eu sinto no peito uma vaga tristeza,
Que a mente não pode o mysterio sondar ;
Ás vezes sorrio, e de envolta ao sorriso
A dubia tristeza me vem perturbar.

Perpassa-me a ideia tão meiga saudade,
De um céo mais sereno, de um sol mais formoso,
De um campo mais verde, bordado de flores,
De um mar mais tranquillo gemendo saudoso.

Desperta em minh'alma tão viva lembrança
De um rosto tão bello, de uns olhos gentis ;
De uns olhos que outr'ora meus olhos fitaram
Na quadra florente em que a vida é feliz.

. . . . . .

Passaram-se os tempos da quadra florente,
Murcharam-se as flores aos raios do sol ;
O céo, que era lindo, perdeu seus encantos,
As tardes são feias, não têm arrebol.

A lua é tristonha, não brilha nas agoas,
O canto das aves parece um lamento ;
O mar de tranquillo tornou-se irritado,
As ondas soluçam batidas do vento.

E eu volvo na mente as venturas passadas,
Avivo essa magoa, que tanto me apraz,
De tudo me lembro com muita saudade,
Dos tempos da infancia, que não voltam mais.

MAGOAS

(Offerecida ao eximio poeta JUVENAL GALENO)

A flôr da esperança rebentou frenetica,
Molhei-lhe as folhas com meu terno pranto ;
Amei-te muito, e para que não deste-me
A recompensa d'esse amor tão santo ?

E como a folha, que do ramo tremulo
O vento iroso tão cruel roubou,
Essa esperança, que nasceu tão candida,
A indifferença sem ter dó matou !

A indifferença ! ó veneno rapido !
Que o peito mata, que supplanta a calma !
A indifferença ! ó tormento barbaro !
Agudo espinho que me fere n'alma !

. . . . . .

. . . . . .

Indifferente ! e para que olhaste-me,
Mulher formosa, com tão meigo olhar ?
Indifferente ! e para que sorriste-me ?
Para que mandaste o viajor parar ?

Ai ! melhor fôra não te ver querendo-te !
Ou melhor fôra não te ver querida !
A ti, que das-me a indifferença estupida,
Dou-te meu pranto, e dar-te-hei a vida !

A Firmino Candido de Figueiredo

Resposta á sua linda poesia—Magoas—que dedicou-me, com as mesmas palavras finaes.

Ouvi teu canto! A multidão *frenetica*
Doce esvaiu-se gotejando *pranto*,
E veio ao ermo... A inspiração, que *deste-me*,
Eu te agradeço co'o fervor mais *santo*.

Eu te agradeço.... recordando *tremulo*
Notas, que a brisa da soidão *roubou*....
Chorando o sonho d'uma aurora *candida*,
Que o infortunio negreceu, *matou!*....

Fero infortunio.... que nefando e *rapido*
Nublou-me a vida, me turbou a *calma!*
Ai dôr extrema! Que destino *barbaro*....
Perennes magoas derramou-me *n'alma*.

. . . . . .

. . . . . .

Visão infausta ! e para que *olhaste-me*
N'alva ditosa com ardente *olhar ?*
Mendaz ventura ! e para que *sorriste-me ?* . . .
Foi para em breve d'uma vez *parar !*

Oh! basta. . . basta!—Meu irmão *querendo-te*
Em paga fico da canção *querida* ;
E em vez de olvido — ingratidão *estupida,*
Recebe o pranto, que me resta á *vida.*

Ao Poeta Juvenal Galeno

Ai ! que silencio, que tristeza funebre,
Que som plangente a cachoeira entôa !
Vôa minh'alma, como a rôla timida,
Sem lar, sem ninho, pelo espaço atôa !

Pousa coitada sob as moitas floridas,
Quer no deserto sepultar a dôr !
Mas, ah! não pode, que o lugar recorda-lhe
Tempos felizes de innocente amor !

Mansa corrente do ribeiro limpido !
Mata-me a sêde, que me mata a vida !
Sim, tu, que outr'ora retrataste angelico,
Formoso o rosto da gentil querida.

Mimosas flores, que guardais no calice
Nectar suave, lá no Empyreo feito,
Dai-me uma gotta d'esse mel balsamico
P'ra chaga horrivel, que me abriu no peito !

Murcham-se as flores, o ribeiro estanca-se,
Nem mais perfumes ao romper da aurora !
A tarde triste traz-me em seu crepusculo
A linda imagem, que minh'alma adora.

Supplico, ó bella !—por piedade escuta-me,
Deixa contar-te meus tormentos, deixa;
E o anjo vôa, me deixando extatico,
Nem quiz ao menos escutar-me a queixa !

Não fujas, volta, vem ouvir a supplica
Do triste bardo, que por ti suspira !
Vem recordar-me do passado os canticos,
Ai ! vem, sorrindo, temperar-me a lyra !

ALLUSÃO

Mimoso lyrio, que, ao cahir do orvalho,
Dormes no galho, embalsamando o ar,
Mas tarde a brisa vem beijar-te o seio ;
Que doce enleio, que te faz gozar !

Ouves do vento o murmurar queixojo,
No verde bosque, que te vio nascer,
Gosas o encanto do luar sereno,
Vivendo a vida, que te dá prazer.

No debil ramo feiticeiras aves
Veem ao crepusc'lo modular-te um ai,
Quando a corrente do regato amigo
Por sobre os seixos suspirando cai.

Quanta harmonia no cantar das aves!
Quanta incerteza no viver da flôr!
Se a ingrata fonte lhe negar as agoas,
No tronco morre de infernal calor.

. . . . . .

Lá, onde o acaso te plantou cuidoso,
Lyrio formoso, vai o insecto víl
No mais mimoso do teu seio ameno
Fatal veneno vomitar subtil.

A Flor Mysteriosa

Abriste, florzinha,
Na margem d'um rio;
Porque n'um desvio
Não foste nascer?
Aqui sem abrigo
Não vês a corrente,
Que vem mansamente
Tua face lamber?

Talvez que mais tarde
Conheças a morte,
Assim que mais forte
Soprar o tufão;

Verás tuas pet'las
Nas agoas boiando,
E o tronco vergando
Curvar-se no chão.

. . . . . .

Dirás moribunda :
— Se tanto eu sôubera. . . .
Mil vezes quizera
Morrer em botão ! —

NÃO CREIO EM TI

Se me vês triste, soluçando um pranto,
Talvez ignores quanto est'alma sente ;
Não sabes, virgem, por quem soffro tanto ?
Ah ! não comprehendes ? é por ti sómente.

Ah ! não me peças, que module um canto
Na triste lyra, que nem cordas tem ;
Eu só adoro o amor do céo, que é santo,
Que nos conforta, e não illude alguem.

Eu amo a lua, que minh'alma inspira,
Amo a estrellinha, que no céo lampeja ;
A borboleta, que incessante gira
Em torno á rosa, que innocente beija.

Amo a fontinha, que aviventa as flores,
No occaso a nuvem, que ligeira corre ;
Eu amo a brisa, que nos seus rumores
No espesso matto suspirando morre.

Ah ! não me peças que desperte a lyra,
Se me vês triste soluçando um pranto ;
Não creio em phrases que só têm mentira,
Em ti não creio, já que mentes tanto.

Porque sou triste?

Lá vai a abêlha, perlustrando os campos,
Sugar licôres, que destilla a flôr,
Embebe as azas nos crystaes de orvalho,
Vive de aromas, mas não sente amôr.

Das mattas virgens entre as verdes sombras,
O roxo lirio não desbota a côr :
Lá no deserto vai beijal-o a brisa,
Vive de beijos, mas não sente amôr.

Derrama as agoas crystalina fonte
Por sobre a relva maternal frescôr,
E a relva sobe no verdor do viço,
Vive das agoas, mas não sente amôr.

No floreo ramo, perfilado, esbelto,
Levanta as vozes campinal cantor;
Nessa linguagem, que lhe deu o Eterno,
Vive cantando, mas não sente amôr.

Junto ao rebanho, que tocar saudoso
Desfere a gaita o juvenil pastor!
Tem livre o peito e o coração não sabe
As negras magoas, que nos vêm do amor.

.....
.....

Meus olhos tristes, macilento o rosto,
Confessa tudo de meu peito a dôr;
Se outr'ora um riso me agitava os labios,
Hoje sou triste—porque sinto amôr.

O Mar

Immenso gigante, que a terra circumda,
E as praias inunda com agoas de mais,
Raivoso espumando no leito estrebucha,
E os membros repucha na luta voraz.

Sacode-se iroso de encontro ao rochedo,
Recua sem medo, e de novo rugindo :
Lá vai da montanha na face sombria
Na viva ardentia veneno cuspindo.

E o nauta, coitado ! perdido no rumo,
Sacode-lhe o prumo, as entranhas lhe sonda;
Só pedras encontra do fero gigante
No seio inconstante, que occulta-lhe a onda.

As vezes se eleva soberbo, iracundo,
Parece que o mundo pretende inundar ;
Ás vezes se abisma, do alto baqueia,
Deixando na areia mil conchas brilhar.

No ponto mais feio de lages forrado,
Mais louco, arrojado se atira o gigante ;
Nos ermos da costa esbroando a montanha,
Com furia tamanha braveja constante.

Quem é que mais féro, temivel braveja ?
Quem é que peleja sem nunca cessar ?
Quem é que mais lonje seu grito de morte
Mais alto, mais forte se faz escutar ?
O mar !

Recitativo

(Offerecido ao Dr. Franklin Tavora)

Se um dia louco de um amor pathetico,
Ousei contar-te de meu peito as magoas,
Perdoa, ó virgem, quem outr'ora sceptico
Morria á sêde, despresando as agoas.

Li nos teus olhos o sublime oraculo
Do meu futuro, que a apontar surgiste-me;
Da gloria ao throno no gentil pinaculo,
Olhaste meiga e de prazer sorriste-me.

Purpurea rosa de perfume angelico
Formam teus labios, guarnecendo perolas;
Dá-me os encantos d'esse riso melico,
Virgem formosa, de roupagens cérulas.

Quero abrasar-me n'esse fogo vivido,
Que têm teus olhos de expressão sympathica,
Dá-me alegria p'ra meu rosto livido,
Dá-me existencia p'ra minh'alma extatica.

Quero essa vida que meu peito tremulo
Palpita, anceia de prazer tão avido,
Mas, por piedade, não me dês um emulo!
Ai! não desejes que me torne impavido!

Se um dia louco de um amor pathetico,
Ousei contar-te de meu peito as magoas;
Perdôa, ó virgem, quem outr'ora sceptico
Morria á sêde, despresando as agoas.

CANÇÃO

Do rio a corrente,
Que beija innocente
No seio dormente
Da candida flôr ;
Não sorve os perfumes,
Não sente os ciumes,
Nem ouve os queixumes,
Arrufos de amôr !

A brisa ligeira,
Que ao pé da roseira
Suspira fagueira,
Gemendo ao passar ;

Não goza os carinhos
Nos êrmos caminhos,
Não soffre os espinhos,
Que sabem matar!

A lua formosa,
No céo vagarosa,
Campeia saudosa
Na esphera subtil;
E as nuvens voando,
Vão lindas formando
Meninos brincando
Brinquêdo infantil!

.....
.....

Da lua os fulgores,
Da brisa aos rumores,
Aos puros odores
Das flores no ar;
Minh'alma desperta,
Dos sonhos alerta,
Seus trenos concerta,
Começa a cantar!....

ROSA DESFOLHADA

Do pranto a baga,
Que a fronte alaga,
No peito affaga
Cruenta chaga
Do coração!
Triste conforto
De quem já morto
Busca no horto
Sereno porto
De salvação!

Flôr d'alvorada!....
Ai! malfadada,
Já desfolhada
Pela rajada

Do furação !
Hontem nascida,
Rosa querida,
Hoje esquecida,
Quasi sem vida,
Rólas no chão !....

E o sol tão lindo,
Que vem surgindo,
S'está sorrindo
P'ra flôr abrindo
Na solidão !
Ai ! não quizeste,
Ou não soubeste
Zelar a veste,
Que a rosa veste
Inda em botão !

Nem mais o pranto
De orvalho santo....
No teu quebranto
Não tens o canto
Da viração !
No isolamento
Dirás ao vento :
" É bem cruento
" Esse tormento
" Da perdição ! "

A meiga aurora
Não te enamora,
Nem como outr'ora
Tua face córa
Aos beijos seus!
Vai, peregrina,
Cumprir a sina,
Que te destina
A voz divina,
Que vem dos céos!

Que meigo perfil !...

Eu vi uma virgem
Formosa,
Qual rosa
Mimosa,
Dodosa
Na vida infantil ;
No collo offegante
Cahidos
Compridos
Cabellos
Tão bellos....
E o rosto gentil....
Pequeno,
Moreno....
Que meigo perfil ! !....

Ai! quanta belleza!
Nos seios,
Tão cheios
D'enleics....
Olhei-os
Com gesto subtil!
Seus labios rosados
Se abriram.
Sorriram,
Mentiram,
Trairam
Seu rosto infantil,
Moreno,
Pequeno,
Que meigo perfil!....

A virg'entristece!
Que sizo
Deviso!
Preciso
Teu riso,
Donzella gentil!
Ficaste zangada?
Coraste?
Choraste?
Que mal eu te fiz?....
Não fallas,
Exalas

Suspiro subtil ?
Ai rosa
Mimosa,
Querida,
Nascida
Nas tardes d'abril ;
Teu rosto bonito,
Moreno,
Pequeno,
Tem meigo perfil !....

O CARVALHO E A HERA

Levanta a planta, que se abraça e enlaça
Ao tronco bronco, que se eleva ao fim ;
Colosso grosso da floresta, presta
Abrigo amigo a quem se humilha assim.

Escuta a luta, que o nordeste preste
Desgraça ameaça a pobrezinha alli ;
Carvalho, um galho á parasita afflicta
Sacode, acode quem se abraça a ti.

Cruento vento vai soprando, uivando ;
A filha humilha da floresta ao chão ;
Morria e via seu gigante amante
Altivo, esquivo, lhe negar a mão.

Balança, dança do carvalho o galho,
Mais forte o norte com furor se ergueu ;
A éra espera protectora aurora ;
Coitada ! Atada ao pedestal, morreu.

No Baile

Me viste triste, pensativo, esquivo ;
Passaste, olhaste, no dançar veloz ;
E um braço lasso tua cintura pura
Cercava, atava. Qne ciume atroz !

Suspende, attende que em teu seio alheio
S'inflamma a chamma, que te vai queimar ;
Perjuras juras vás ouvindo e rindo ;
No abysmo scismo que não vás parar.

O immenso incenso, que da sala exhala,
Fascina, ensina as seducções de amor ;
Criança, a dança tem veneno ameno:
Não ródes—pódes tropeçar na dôr.

FUJAMOS

Faz mêdo o enrêdo, que se tece e cresce
Na walsa falsa, que se agita então ;
Volteia alheia, innocente e crente
Donzella bella, n'um gentil salão.

A dança cança, e na vertigem a virgem
Afflicta hesita proseguir assim ;
Revoltos, soltos, seus cabellos bellos
Ondulam, pulam no rodar sem fim.

Fujamos, vamos na floresta á sesta
Da vida a lida transformar em paz ;
Da vêrde rêde no balanço manso,
Qual monge longe d'um festim fallaz.

No prado, ornado de mimosas rosas,
Ha tanto encanto no viver de amôr;
A vida é qu'rida, qual risonho sonho,
Que prende e rende ao gentil pastôr.

Preciso um riso, que me alente a mente,
Desejo um beijo, que me acalme a dôr;
Comtigo eu sigo, navegante, errante,
Que a onda sonda sem tremer de horror.

A esp'rança alcança do futuro escuro
A palma d'alma, que o soffrer seccou;
E o poeta athleta das immensas crenças
Remedio ao tedio bem depressa achou....

RECITATIVO

ELISA

Elisa, a brisa, que devassa e passa
A relva e selva de florinhas mil,
Teu collo solo de candura pura
Bafeja, adêja n'um soprar subtil.

Se a lua nua de seu manto santo
Branqueia a areia do parcel de além,
Desperta, alerta do passado amado
Lembrança mansa, que meu peito tem.

Quem déra a éra que tão bella estrella,
Que outr'ora aurora de venturas deu,
Queria um dia em segredo a mêdo
Fallar-te, amar-te quanto amou Dircêu.

Mas triste existe de meu peito o leito,
Onde se esconde da saudade a dôr,
Elisa, Elisa, que maldita dita
Tyranno arcano de infeliz amôr.

Recebo e bebo da desgraça a taça,
Sizudo e mudo esgotarei ao fim,
Desejo, almejo os soffrimentos lentos
Sou forte, a morte não me assusta assim.

Meu pranto é tanto que o desgosto ao rosto
Sombrio e frio já mudou-lhe a côr,
Quem ama a chamma da lanterna eterna
Se atira á pyra, vai morrer de amor.

Esperança Morta

Já viste a rôla na floresta umbrosa,
Triste, sosinha, esvoaçando atôa?
Já ouviste as vozes, que de quando em quando
A pobrezinha soluçando entôa?

Já viste ao longe inopinada barca
No mar tranquillo a resvalar subtil?
E em breve instante a atmosphera horrida
Toldar o espaço, que era todo anil?

E o pobre nauta em temporal desfeito,
Hirto, assombrado, sem abrigo ter?
Entregue ás ondas, de nadar cansado,
Luctando ousado té por fim morrer?

Já viste em pranto a maternal amiga,
Beijando o filho, que espirando vai?
Unil-o ao seio, repetir-lhe o nome,
E ouvir-lhe apenas um tremido ai?

.....
.....

São esses transes que me ferem n'alma
Fel da descrença, que me mata a esp'rança!
No mar da vida tormentoso eu vago,
Nauta perdido sem achar bonança!....

EU E TU

Eu sou as pupilas dos olhos tristonhos,
Que langues, cançados não fitam a luz ;
Tú és, oh ! donzella, do pranto sentido
A gotta bemdita, que a magoa traduz.

Eu sou navegante, que a onda bravia
Bem longe da barca, feroz sacudiu,
Tu és o conforto do nauta perdido
Na dôce esperança, que o pobre nutriu.

Eu sou da tristeza, que o peito lacera,
Pungente saudade, cruel desalento :
Tú és o sorriso da lêda ventura,
Que ameigas os transes do meu soffrimento.

Eu sou arvoredo nascido nas serras,
Tú és a florinha, qu'enfeita-lhe o galho ;
Eu sou a tormenta,—tú és a bonança ;
Eu planta mirrada,—tú, pingos de orvalho...

Os Dois Primos

Que fizeste da saudade,
Que no jardim t'offertei?
Despresaste a pobrezinha,
Não foi, Elisa?
—Não sei.

Não sabes, Elisa ingrata,
Da florzinha que te dei....
Guardast'a dentro do seio,
Não foi, Elisa?
—Não sei.

Porque te mostras zangada,
Responde: a flôr eu guardei
Do meu roupão no bolsinho,
Não foi, Elisa?
—Não sei.

Como estás hoje arrufada,
Tão despeitada comigo!...
Mas diz, Elisa, a saudade
Onde botaste?
—Não digo.

Nunca mais, Elisa ingrata,
Passarei por tua porta;
Vou queimar os teus brinquedos,
Teu retrato....
—Que m'importa!

Vou contar á minha tia,
Que já sabes namorar;
Eu vi hontem certo moço
Conversando....
—Vá contar.

Só não conto, se me deres
Um beijo em paga da flôr ;
Não é crime, eu sou teu primo
E só tú és meu amôr....
Não faz mal.
—Faz, sim senhor....

CONSOLAÇÃO

Á margem de um rio,
De mansa corrente,
Chorava innocente
Menina gentil ;
No espelho das agoas
Serenas do lago
Seu rosto tão mago
Mostrava o perfil.

De tarde, sósinha !
Que fazes donzella,
Tão moça, tão bella,
Chorando tão cêdo !...

Vontade sinistra
Tú volves na mente ?
Oh ! anjo innocente,
Recúa, tem mêdo !...

Repara, meu anjo,
Que o sol des'parece,
E a lua apparece
Nos céos a brilhar :
Apoz um tormento
De lenta agonia
Vem dôce alegria
Noss'alma acordar....

Não vês pelos ares
As nuvens fugindo
E o céo revestindo
Seu manto de anil ?
Depois de uma noite
Cercada de horrores
Revivem as flôres,
Mimosas no hastil !...

A onda orgulhosa
Levanta a tormenta
E o collo arrebenta
Na costa a rugir !...

Ó vento declina,
E o mar serenando,
De leve ondulando,
Parece dormir !...

O matto cheiroso,
Tão verde e florido,
Agora despido,
Sem folhas mirrou !...
Em breve revive
A folha pendida,
E a seiva perdida,
De novo brotou.

Repara, donzella,
Que o sol des'parece,
E a lua apparece
Nos céos a brilhar;
Após o martyrio
De lenta agonia
Vem doce alegria
Noss'alma acordar.

VAMOS?...

(Offerecida a M. E. M. S.)

Elisa, vamos bem longe
Desta cidade falaz,
Entre a folhagem do matto
Buscar o asylo da paz;
Nos rumores da cidade
Não existe a f'licidade.

Nos desertos da floresta
Tem mais vida o coração,
Bebendo a dôce harmonia
Nos cantos da solidão!...
Vem, Elisa, meus amôres,
Viver a vida das flôres.

Quero mostrar-te no galho
Da frondosa goiabeira
Contente os filhos criando
A mimosa *Lavandeira ;*
E o sustento lá procura
Da floresta na espessura....

Alli.... no cimo do monte
Grita alegre o *Bem-te-vi*,
Acolá, saudoso canto
Da tristonha *Jurity ;*
Mais além.... no arvorêdo
Geme a rôlinha em segrêdo !

.....
.....

Flôres, perfumes, gorgeios,
São os cantos da floresta ;
Sorriso, amôr e ventura,
Dôce harmonia da festa ;
Vem, Elisa, na cidade
Não existe a f'licidade !...

O Inverno

Traja a floresta os encantos
Que lhe trouxe o fresco inverno,
Balança o cedro altaneiro
Ao sôpro d'almo galerno
E aquelle tronco esquecido
Como agora está florido !?...

Vai murmurando o riacho
Na corrente crystalina,
Beijando o seio mimôso
Da flôrinha purpurina,
E aquelle monte escalvado
Como agora está plantado !?...

Naquella serra tão pobre,
Só crivada de rochêdos,
Como brotaram tão lindos,
Tão frondosos arvorêdos....
E o morto galho abatido
De nóvos ramos vestido ? !...

Mas, depois do fresco inverno
Perde os campos seus verdôres,
Despe o arvorêdo a folhagem,
Nos ramos murcham as flôres ;
E a corrente crystalina
Não molha mais a campina.

No alvorecer desta vida
Uma flôr colhêr não pude,
Foi-se a estação dos amôres
No correr da juventude,
Que deixou-me o desalento,
Que me vai matando lento.

No rugir da tempestade
Desta vida, não me assusto.
Impassivel vou soffrendo
Semelhante o frio busto
De branca pedra gelada,
Que não teme da rajada.

Riam-se os outros felizes
No regaço da ventura,
Colhendo as flôres nos campos
Da vida serena e pura,
Cercados de luz brilhante
No folguêdo delirante.

Mas, se nas trevas da noite
O astro sumir-se além....
Se depois das gargalhadas
Vier o pranto tambem....
Ai! do cobarde que chora,
Que seus tormentos deplora!

Nova Recordação...

I

Elisa, quanta saudade
Daquelle tempo feliz !
Flôr que mirrou-se no galho,
Perdendo a côr e o matiz ;
Mas o perfume ficou-me
Na saudade que deixou-me !

Daquelles dias formosos
Eu tenho saudade infinda,
Essa lembrança tão dóce
Não pôde morrer ainda ;
Não morre, Elisa, essa chamma,
Que nossos peitos inflamma !

Não posso, Elisa, esquecer-te,
Que me segue a imagem tua,
Como a estrellinha fulgente
Seguindo o curso da lua;
Se eu seja triste ou contente,
Tenho-te sempre na mente!

II

Corre a vertente sonora
Entre a verdura do prado,
Pasta além o manso gado
Na relva tenra e macia;
Brotam as flôres silvestres,
Ornando a vasta campina,
Nas quebradas da colina
A branda aragem cicía!

Essa linguagem dos campos,
Que se escuta e não se entende,
Mas que nossa ideia prende,
Tem mysterios, tem segrêdos....
São conversas da floresta
Murmuradas nos retiros,
São do silencio os suspiros
Nas folhas dos arvorêdos.

De noite, quantos rumôres
No soprar da ventania....
Semelha a dôce harmonia
Das crespas ondas do mar ;
De quando em quando se escuta
O grito d'ave cadente,
Velando o filho innocente,
Qu'implume dorme no lar.

Quando a manhã se levanta
Do frio leito de neve
E as aves vôam de leve
Por sobre os campos d'além,
Minh'alma vôa perdida
Procurando a tua imagem,
Entre a florida ramagem
Seu canto solta tambem.

Ah ! se eu te visse a meu lado
Nesse viver oh! formosa,
Diria—É mais uma rosa
Perfumando a solidão !
É mais um astro luzente,
Que me aclara a noite escura,
É o sorrir da ventura,
Que me alenta o coração !

A TRISTEZA

Quem és tu, genio inspirado
Pelo demonio talvez !....
Porque me segues teimoso
Affectando placidez ?!....

Qu'és mulher, me diz teu vulto,
E os pretos cabellos teus,
Nunca te vi os sorrisos,
Nem jamais tu viste os meus.

Porque tens a mão no peito
Comprimindo o coração....
As negras tranças cahidas,
E os olhos fitos no chão ?!....

Comprida e esguia roupagem
Cobre teu corpo mirrado!
Que me queres? falla, diz-me,
Quem és tu, genio inspirado?

Se durmo, sonho comtigo,
Julgando ver-te acordada,
Chorando pranto magoado
Sobre meu peito inclinada.

Desperto, vejo-te ainda,
A mesma roupa trajando,
E da luz, que me allumia,
A fraca chamma alentando.

Quem és tu, mulher tristonha,
Que me persegues teimosa,
Como a sombra do meu corpo,
Dubia, fraca, vaporosa?!....

.....
.....

—Desejas saber meu nome?
Ai! quanta magoa conduz!....
O meu nome é tormentosa
Noite sombria, sem luz!....

Ao desgraçado acompanho
Sempre constante a seu lado;
O choroso desterrado
Me encontra na solidão !
Quando nas terras alheias
Soluça e geme o proscripto,
Meu nome soletra escripto
Nos prantos do coração.

A Virgem e a Mariposa

—Insensata mariposa,
P'ra que assim buscas a morte?
—Abrasar-me nesta chamma
É meu fado, é minha sorte.

—E porque entre as florinhas
Não procuras adejar?
—Porque tenho amôr á chamma
E me apraz nella acabar!

—Não te apraz tambem nos campos
Das florinhas o perfume?
—Só me apraz espanejando
Abrasar-me neste lume.

—Deixa, deixa a luz que amas,
Que te illude cegamente ;
—Vê tambem que não te illudas,
Como eu, na chamma ardente !

.....

Eis morrendo a mariposa,
Qu'inda ha pouco esvoaçava;
E a virgem tristemente,
Pensativa murmurava:

.....
.....
—Vê tambem que não te illudas,
Como eu, na chamma ardente....

MODINHA

Que linda noite, que luar sereno....
Que cheiro ameno embalsamando o ar?!
Desperta, ó virgem, vem ouvir meu canto,
E o triste pranto que soluça o mar.

Vem ver dos campos as florinhas bellas,
Meigas, singellas, esparzindo odores.
Vem ver a lua, que no céo campeia,
E o mar ondeia, murmurando — amores.

Nest'hora augusta, quando a terra é calma,
Vive minh'alma dos suspiros teus....
Desperta, ó virgem, seductora imagem,
Grata miragem dos sonhares meus!....

Vem no silencio desta noite pura
Dar-me a ternura de teu meigo olhar....
Vem ler o poema, que mysterio encerra,
O céo, a terra, a solidão do mar.

FANTASIA

A onda desmaia
No combro da praia,
E as rendas da saia
Da virgem beijou ;
E o anjo vageia,
Brincando n'areia,
Nem mesmo receia
Do mar, que o mulhou.

Brincava, brincava,
E as conchas guardava
No seio, que arfava
No brinco infantil;

E a negra botina,
De fôrma tão fina,
Gentil, pequenina,
Pisava subtil.

N'areia macia,
Que o vento movia,
A virgem escrevia,
'Screvia a scismar;
E o astro do dia
Seus raios sumia
Na onda bravia
Das aguas do mar.

O anjo se inclina,
Qual branca bonina,
E a frente purp'rina
No braço pousou;
E aos raios da lua
Ligeira falúa
Nas ondas flutua,
Na praia abicou.

E um vulto elegante
Na praia, distante,
Caminha constante,
Cantando ao luar:

" Donzella, ó donzella,
" A noite é tão bella !
" Meu barco tem véla:
" Voemos ao mar."

E a virgem dormente
Desperta contente;
E á voz, que inda sente,
Responde tambem:
" A noite é tão bella !
" Teu barco tem véla;
" Conduz a donzella
" Ás praias d'além."

A onda desmaia
No combro da praia,
E as rendas da saia
Da virgem beijou;
E o anjo vagueia,
Brincando n'areia,
Nem mesmo receia
Do mar, que o molhou.

A Menina Travessa

Brinca, meu anjo innocente,
Nesse folgar de criança,
Não soltes a loura trança,
Que se pode embaraçar;
Brinca por perto de casa,
Vai procurar o gatinho,
Que matou teu passarinho,
Que começava a cantar.

Corre atraz das borboletas
Sacodindo a camisinha;
Como é bella a innocentinha
Nessa vida tão feliz !....

Rompe o vestido de cassa,
Pisa o plantado canteiro,
Quebra o jarro do craveiro,
E a mamãi nada lhe diz.

Vai-se banhar na fontinha,
Seja embora o sol ardente;
Desce a ladeira contente,
Conduz a roupa na mão;
Volta depois satisfeita,
Tendo o corpinho molhado,
Um pésinho vem calçado,
O outro pé vem no chão.

Aos braços da mãi querida
Corre a menina engraçada,
Que faceira, abraçada,
Beija a mamãi a sorrir;
Com mil beijos e meiguices
Paga o beijo da filhinha;
E mudando-lhe a roupinha
Fal-a no collo dormir.

A Sempre-viva

Nos campos murcham as flores,
Perde o lyrio a linda côr;
A rosa perde a belleza,
E só tu, mimosa flôr,
Sempre-viva.

Não te importa o sol ardente,
Amas o intenso calôr;
E da immensa tempestade
Vais soffrendo o teu rigor,
Sempre-viva.

Mesmo apartada do tronco,
Sempre tens vida e calôr;
Como tu, quizera eu sempre
Que durasse o meu omôr,
Sempre-viva.

Queira os céos que vivas sempre,
Sempre-viva, meu amôr;
O teu nome exprime tantos
Mysterios, mimosa flôr
Sempre-viva.

Se a natureza mesquinha
Não te deu sublime odôr,
Deu-te uma vida tão longa,
Deu-te os mysterios de amôr,
Sempre-viva.

Não busques mais as campinas,
Vem morar no peito meu;
Vem, que o pranto que derramo
Verterei no peito teu.

O PINTASILGO

" Que sorte, que sina !
Quão duro é meu fado !
—Viver separado
Da esposa fiel !
Que vale a belleza
Da verde campina ?
Da flôr purpurina
Que importa o seu mel ?

" Nas mattas me embrenho,
Carpindo os meus males;
Nos montes, nos valles
Esvoaço infeliz !

Pergunto á fontinha
Noticias da amada,
E a fonte é calada !
Se o sabe, não diz !

" Lá pende do arbusto
Num galho meu ninho,
Gelado e sósinho,
Sem ella e sem mim !
Ai!... quanto trabalho
Me deu seu fabrico,
Tecendo co'o bico
Penuge' e capim !

" Não sinto perfumes
Nas flores, que vejo;
Nem tenho desejo
De um canto soltar;
Ninguem me responde,
Se canto saudade,
Meu canto é de balde....
Só devo chorar !

" Se á margem do rio
Chegava eu primeiro.
No verde ingaseiro
Pousava a cantar;

Ao longe, saudoso
Um canto se ouvia,
Que ao meu respondia
Soando no ar !

" Chegava tão meiga,
No mesmo raminho
Brincava, e o biquinho
Me dava a beijar;
Depois as penninhas
Do peito agitado
Com tanto cuidado
Me punha a catar.

" Assim nossa vida
Cercada de flores,
De puros amores,
A sorte mudou.
Ao triste que resta,
Que vale esta vida,
Se a esposa querida
Tão cedo findou ? !

. . . . . .
. . . . . .

E o pranto corria
Dos ternos olhinhos;
Lá vôa entre espinhos
E o peito rasgou;
De bruços, na relva
Cahio sem alento;
Seu fado cruento
Co'a morte findou.

Aurora e Crepusculo

(N'um Album)

Sompe a aurora o roseo manto,
Vem o dia começando;
Vóa a brisa molemente,
Brinca o mar s'espreguiçando.
As aves vôam garbosas,
Por entre as flores cheirosas
Mil insectos se entretêm;
Alli cantando a rôlinha,
Aqui pousando a avesinha,
E a fonte gemendo além.

Passa o dia, e ao sol posto
Vem o crepusc'lo da tarde,
E depois.... succede a noite
Cheia de luto e saudade,
Saudades da madrugada,
Do despontar d'alvorada,
Que nos traz tanta poesia;
Saudades das lindas flores,
Que com os votos d'amores
Não duraram mais que um dia!

Como a aurora é a nossa infancia
Cheia de vida e de luz,
Mas em breve a mão do tempo
Nos aponta a humilde cruz!
Vem a noite fria, escura,
Regelar a sepultura,
Termo final do vivente;
Mas que importa, se outra vida,
Se outra aurora mais luzida
Vamos ter eternamente!....

Os Matames

Que lindos matames
Na saia de neve,
Que passa de leve
Na dansa a voar
De manso, qual cysne
Nas agoas nadando,
Qual nuvem voando
Sosinha no ar....

Teus seios palpitão,
Tua face descora,
Não danses agora
Meu anjo, descança;

Na valsa perdeste,
Tão linda e mimosa,
A flôr melindrosa,
Que tinhas na trança !

Meus olhos bem viram
Nos pulos da valsa
Bordados na calça
De fina cambraia,
Teus labios macios
Sorrindo se abriram,
Meus olhos bem viram
Matames na saia....

.....
.....

Gentil borboleta,
Travessa criança,
As flores da dansa
Perfumes não teem ;
Depois do brinquedo
Nem risos... nem cantos,
Da festa os encantos
A ideia não vem.

Sorriso, Amor e Sepultura

(Imitação)

Quando surge a primavera
Da existencia n'alvorada,
É tão linda a madrugada,
O horisonte é calmo e liso;
Nesses tempos tão ditosos
Bate o peito livremente,
Guardam-se puros na mente
Os brinquedos e o—sorriso!

Vem depois a juventude
Despertar-lhe a doce lyra,
Já s'inflamma, já s'inspira
Nos perfumes de uma flôr;

No seio—ferve-lhe o sangue,
Nos labios—cantos agora,
Na fronte—raios d'aurora,
No peito—fogo de amor.

Chega emfim a decadencia
Em grave andar magestoso,
Já no céo tempestuoso
Uma estrella não fulgura ;
Vem o espectro da velhice
Beijar-lhe a fronte inclinada,
E em voz triste, amargurada,
Murmurar-lhe—sepultura !....

Duas Rosas

(No album de duas irmans)

Qual das duas a mais bella,
Daquellas rosas gentis?
Ambas thesouro de encantos
A brisa passando diz!
Da mesma origem nascidas,
As lindas flores queridas,
Esparzindo o mesmo odor;
São irmans, juntas cresceram,
No mesmo ramo nasceram,
Do mesmo sól ao calór.

Duas estrelllas fulgentes,
No mesmo céo a brilhar ;
Reproduzindo nas vagas
Novas estrellas no mar.
Duas conchinhas doiradas
Na mesma onda embaladas
Seguindo o mesmo caminho ;
Duas rolinhas mimosas,
Cantando, meigas, saudosas,
No calor do mesmo ninho.

Canto do Pobre

(Offerecido ao Dr. Antonio Mendes da Cruz Guimarães)

Porque sou pobre, me despresam tanto,
Zombam do pranto, se me vêem chorar,
Nas frouxas cordas do instrumento rude
Canto a virtude no sublime altar.

Não me embeleza do salão doirado
Gôsto apurado, que a riqueza inspira !
Lá, na floresta a solidão encanta,
E o pobre canta desferindo a lyra.

Se vive triste, não accusa o fado
Todo agastado a blasphemar em vão,
Na paz modesta, que lhe ameiga a sorte,
Não pede a morte a maldizer-se, não.

. . . . . .
. . . . . .

Vê-se entre o matto levantando a frente
Pobre, innocente, uma casinha além;
Triste morada d'habitante rude,
Onde a virtude foi morar tambem.

E ao pé da fonte crystalina e mansa
Alto balança o cajueiro idoso;
E á sombra delle, que a choupana cobre,
Descança o pobre no viver ditoso.

A Rosa

Innocente flôr mimosa,
Fecha as folhas côr de rosa
Ao volatil—*beija-flôr.*
Lá vem elle espanejando,
Indolente vem beijando,
Sem sentir paixão de amor.

Como esvoaça ligeiro,
Tão voluvel, bandoleiro,
De flôr em flôr a beijar !
Traz no biquinho o veneno.
É tão subtil, tão ameno
Que faz a flôr definhar !

Amanhã n'outras campinas,
N'outras flôres purpurinas
Novos males vai causar....
Porque és bella e perfumosa,
Ai! não sejas tão vaidosa,
Não queiras breve murchar!

Quando vai morrendo o sol?
Que sentir, que dôces magoas
No murmurar d'essas agoas
Molhando a relva do chão!....
Como é bella a natureza
N'essa hora de tristeza,
Que nos fere o coração?!

.....
.....

Eu a vi por entre as flôres,
Que vegetam sem cultor,
Divagando a linda virgem
Talvez.... scismando em amôr;
E sobre o collo em novellos
Ondulavam-lhe os cabellos
Em negros caixos então;
Na cambraia transparente
Beijava a brisa innocente,
Nas fimbrias de seu roupão.

Ai! meu Deus, como era bella
Do passeio no cansaço;
Sentada brincando linda

Co'as franjas do seu regaço !
Era uma flôr vespertina
Entre as flores da campina,
Era um anjo seductor ;
Quantas vezes, nos retiros
Vão exhalar-se os suspiros,
Primicias de um falso amôr ? !

Para o céo levanta os olhos
O archanjo da solidão,
Leva a dextra sobre o peito
Comprimindo o coração ;
E depois desprende um canto,
Tão divinal e tão santo,
Que me fez extasiar ;
—Movo os ramos com cautella
Louco de amor aos pés d'ella
Minha fronte fui curvar.—

—Mancebo, louco, imprudente,
P'ra que me vens perturbar ?
Ergue-te, audaz, temerario,
Que te importa o meu cantar ?
—Mulher, archanjo, princeza,
Quem te deu tanta belleza,
Quem te fez formosa assim ?

Dá-me um sorriso, um somente ;
E depois.... depois contente
Fita teus olhos em mim.

—Dos homens em nada eu creio,
Já fui trahida uma vez ;
Como tu, lindo mancebo
Já vi curvado a meus pés ;
As mesmas phrases dizia,
Tudo, tudo repetia,
Invocando a divindade ;
E depois.... tudo acabou-se ;
A minha estrella apagou-se,
Só resta hoje a—saudade !

—E tenho saudade ainda,
De quem me fez infeliz !
Se não fui mas venturosa,
Meu fado foi quem não quiz ;
D'antes, que vida de encantos !
Hoje soluços e prantos
Gotejam dos olhos meus !
Onde acharei o remedio ?
Aos homens votando tédio,
Amando sómente a—Deus !....

O Sol

Quando a aurora se annuncia,
Corando as orlas d'além,
E o sol das ondas surgindo,
Como formoso elle vem !....
Das lindas nuvens doiradas,
De mil cores variadas
Forma seu throno no ar,
E depois.... da immensidade
Vai soltando a claridade
Pelos céos, e terra, e mar....

As aves cantam-lhe hosana
Na saudação da manhã ;
As flores dão-lhe perfumes,
A brisa beija-o louçã.
Na esphéra azul elle passa,

O denso matto devassa,
Devassa o mundo que é seu ;
Da luz, que a terra allumia,
Brilha a chamma todo o dia
Nos raios, que Deus lhe deu.
.....

—Santa lei da divindade—
Seus raios dizem na luz,
Mostrando o braço potente,
Que a sua marcha conduz ;
Relogio que o tempo marca
E as longas éras abarca
No seu constante rodar,
Não se atropela, não cansa,
Nem um momento descança,
Não precisa descançar....

Rei dos astros, soberana
Producção do Redemptor,
D'esse espaço onde campeias,
Mandas á terra o calor ;
Tens um throno recamado
De lindas nuvens, bordado
De mil estrellas, és rei !....
São teus raios sceptro augusto,
Nos fulgores do teu busto
Soletra o mundo uma lei.

HYMNO

(Ao dia 7 de Setembro)

Quando o sol na—*Libra*—entrando,
Colorava o céo de anil;
Escreveu com letras d'ouro
—Liberdade do Brasil!—

Ruge o vento e o mar fremente
Vai quebrar no alcantil;
Diz a onda, o mar e o vento,
—Viva o Imperio do Brasil!

Longe, longe os vãos temores,
Que nos dava o povo hostil;
Assombrar jamais poderam
Os guerreiros do Brasil!

Exultai filhos da patria,
Neste canto senhoril;
—Viva a Santa Liberdade,
—Viva o Imperio do Brasil.

AI! NÃO PERGUNTES!

Fitou-me os olhos com tão doce encanto,
Disse baixinho—Que tristeza é esta?
Ai! não animes da lanterna a chamma,
Que vai morrendo no calor da festa.

Não me perguntes que tristeza é esta?
Saber não queiras porque soffro tanto!
No santuario de meu peito existe
Magua pungente, que se afoga em pranto.

Já viste a louca borbolêta inquieta,
De ramo em ramo festejando as flores?
Falsa, voluvel, promettendo affectos,
Fingindo extremos, inventando amores?

Ai! melhor fôra não te ver tão bella
Quanto és voluvel, affectando amôr!
Gentil, formosa, borbolêta inquieta,
Descança as azas na tristonha flôr....

A Filha do Mar

(Offerecido á A...)

I

Que fazes na praia
Sentada n'areia
Tão triste a scismar?
C'a mão sobre o peito,
Que em ondas anceia
Qual vaga do mar!
Que fazes na praia
Tão triste a scismar?

Que fazes, que pensas
Sentada n'areia
Tão triste a scismar ?
Contemplas a lua,
Que os ares campeia
Nos céos a brilhar ?
Não durmas n'areia,
Sozinha ao luar.

Que guardas na mente
Que n'alma t'inspira
Tão triste a scismar ?
Não ouves os cantos
Vibrando na lyra
D'estranho cantar ?
Não durmas n'areia
Tão perto do mar...

Teus negros cabellos
Soltaste aos bafejos
Das brizas do mar !
E a brisa invejosa
Roubou-te mil beijos
De leve ao passar...
Que fazes tão tarde
Sozinha a scismar ?

II

Ergueu-se e pasmou-se
Minh'alma enlevada
Que a virge'encantada
Despiu-se ao luar !...
E a fina roupagem,
Mais alva qne a neve,
Desfez-se de leve
Na beira do mar !...

Ergueu-se, e, nas vagas
Mergulha sem mêdo,
Depois n'um rochêdo
Sentou-se a cantar !...
E a voz tão divina,
Tão cheia de encanto,
Dizia no canto,
" Sou filha do mar !...

" Nas brancas espumas
" Eu tive meu leito,
" Gerou-se-me o peito
" Do branco areial !
" Das per'las meus dentes,
" E os labios rosados
" São lindos formados
" De fino coral !

" Nasci d'entre as ondas,
" Sou filha das aguas,
" Nem dores, nem magoas
" Me fazem chorar.
" Só amo o silencio,
" Da noite o queixume,
" Não tenho ciume,
" Sou filha do mar.

O Cemiterio

Que funda tristeza que a terra domina,
Que mansa linguagem que a noite murmura!
Ness'hora mil frontes no brando regaço
Da morte descançam na doce ventura.

.....

Sombria morada, funerio desterro,
Eterno descanço que a morte conduz,
Quem dorme em teu seio conversa c'os anjos,
Nos sonhos divinos cercados de luz.

Alteiam-se esguios ciprestes virentes
Qu'aos raios da lua tremulam no chão!
E as aves nocturnas pousadas no muro
Entoam dos mortos saudosa canção.

Além, entre arbustos a cruz se levanta
Na frente da Igreja de flores cercada,
Marmoreos sepulchros tarjados de luto,
Nos mostra o descanço da longa jornada !

Alli, não se escuta do pobre os queixumes,
Do afflicto os gemidos p'ra sempre cessaram,
O somno é profundo que a morte acalenta,
E os mortos dormentes jámais despertaram.

A dôr da mizeria que o peito lacera,
O fel da desgraça que prantos encerra,
A magoa pungente, da fome a voragem,
Alli tudo acaba, no seio da terra !....

O Cemiterio

Que funda tristeza que a terra domina,
Que mansa linguagem que a noite murmura!
Ness'hora mil frontes no brando regaço
Da morte descançam na doce ventura.

.....

Sombria morada, funerio desterro,
Eterno descanço que a morte conduz,
Quem dorme em teu seio conversa c'os anjos,
Nos sonhos divinos cercados de luz.

Alteia[illegible]esguios ciprestes virentes
Qu'a[illegible]da lua tremulam no chão!
E as [illegible]turnas pousadas no mur[illegible]
Ento[illegible]ortos saudosa canção

Além, entre arbustos a cruz se levanta
Na frente da Igreja de flores cercada,
Marmoreos sepulchros tarjados de luto,
Nos mostra o descanço da longa jornada !

Alli, não se escuta do pobre os queixumes,
Do afflicto os gemidos p'ra sempre cessaram,
O somno é profundo que a morte acalenta,
E os mortos dormentes jámais despertaram.

A dôr da mizeria que o peito lacera,
O fel da desgraça que prantos encerra,
A magoa pungente, da fome a voragem,
Alli tudo acaba, no seio da terra !....

VERSOS DE MOMENTO

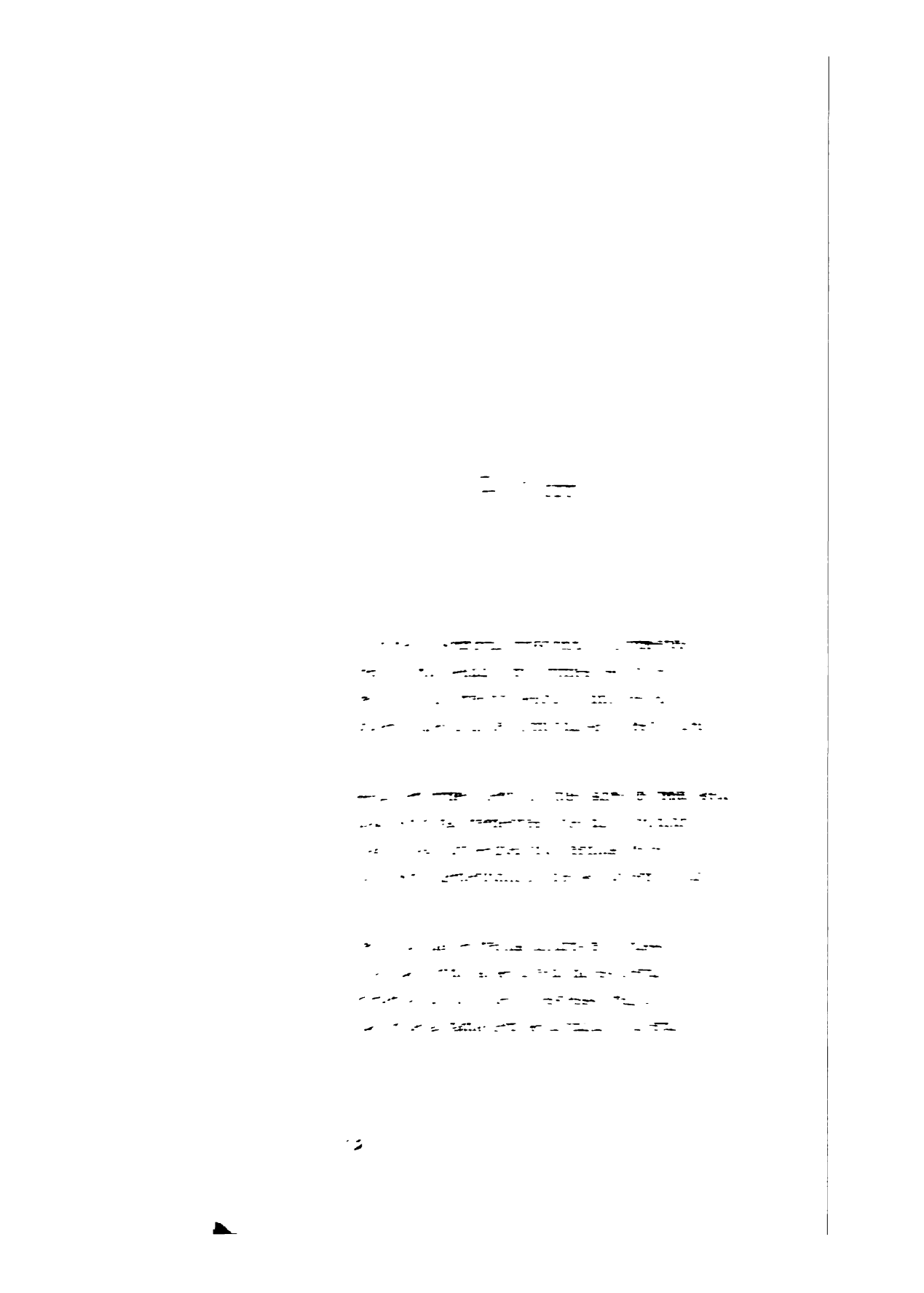
Offerecidos a minha filha VIRGINIA

Não ha vida tão ditosa
Como a vida da criança ;
Vive embalada nas aguas
De um lago todo bonança.

Acreditam nas historias,
Que lhe contam junto ao leito ;
E adormecem com a promessa
De um cartucho de confeito.

As estrellas são anginhos
Aos pés de nossa Senhora;
A lua é toda de prata,
E lá Sam Jorge é quem mora.

Nesses tempos tudo é lindo,
O céo é um lindo painel;
A terra cheia de flores,
E as flores cheias de mel.



Eu sou causadora dos dramas occultos
Que o pranto, que a magua tem feito morrer!
Sou eu dos cabardes quem guarda-lhes os vultos
N'um manto pezado que sabe esconder!

Eu sou dos instinctos fatal companheira,
Que rasga nas trevas abysmos fataes!
Sou eu a sibylla, cruel feiticeira
Que crava nos peitos terriveis punhaes !

A' MEMORIA

DO MUITO CARIDOSO E DISTINCTO MEDICO

Silvio Tarquinio Villas-Boas.

Pelo espaço rebôam tristemente
Pezadas vibrações no campanario ;
Mais um nome escreveu no obituario
A rainha dos tumulos inclemente !

Eis o astro tombado no occidente,
Qual um Christo em demanda do Calvario ;
Nunca mais voltará, vaé solitario
Outro mundo habitar eternamente !

Tu, que foste o exemplar da caridade,
E soffreste os baldões da desventura,
Aceita dos que ficam uma saudade !

Ah ! recebe este pranto de ternura ;
Se a teus pés não chegar á eternidade,
Ha de ao menos regar-te a sepultura !

Recife, Maio 1883.

Hontem e Hoje

Ao mavioso Poeta Firmino de Figueiredo

(RECITATIVO)

Amei um dia com febril delirio
Um anjo ou fada —que mulher não era!...
—Não mais nevado se balouça o lyrio!
—Nem mais viçosa se entrelaça a hera!

Bebi sorrisos em seus labios quentes!
Desejos vivos lhe trahi nos seios !...
Seus olhos loucos sobre os meus dementes
Pousaram, vezes, com subtis receios.

No mel tão doce de sentidas fallas
Sorvi deleites que o Sultão ignora !
Nos lindos prados, em formosas salas,
Não mais...só *ella*...*ella* só...embora!...

Fugira o mundo com seus vãos rumores...
Brilhava apenas solitaria estrella
Brandindo tremulos, immortaes fulgores...
—Ermo diamante percorrendo a téla !—

Sonhei disperto nas veladas noites
Gosos ardentes que as *huris* promettem !
Louco !... dos ventos affrontando açoites
Voguei nas aguas que o luar reflectem!...

Perdido, atado, qual Mazzeppa errante,
Da negra duvida ao corcel bravio,
Corri sem tino perguntando a instante
Aos céos, á terra, ás solidões do estio:

—"Si amor é lympha que mitiga a sêde,
"Si é planta nobre dos jardins do Eterno,
"Porque meus labios se entreracham...vêde!
"Porque respiro emanações do inferno!?"—

E os céos, e a terra, e as solidões do estio
Calaram todos!... que me ouviram, sei!...
—Atado á cauda do corcel bravio
Da negra duvida, qual Mazzeppa, irei !...

Mas não !... foi sonho, devaneio errante
O amor de outr'ora que abrigou meu peito!
—Flôr encantada, pomo d'ouro iscante,
Levei-o aos labios, vi-o em pó desfeito!...

Hoje macio perpassar eu sinto
De puro affecto, crystalino e mago!
Ah! bem diverso do travoso absynto,
Licor suave filtra n'alma a trago!

A vida agora como prece olente
Rezada á sombra de modesta ermida,
Deslisa facil, maviosamente...
Apraz-me a calma, quero assim a vida!

Junho—1869.

J. Guimarães.

A Firmino Candido de Figueiredo

Recebe este voto, amigo,
.....
Em poucos versos singellos
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tão d'alma os faria.

(Almeida Garrett.)

Poeta ! N'esta fronte larga, augusta,
Do genio a chamma atêa-se immortal !
O Deus, que Grande é, banhou-a toda,
E a luz da inspiração n'ella accendeu !

Eleva-a radiante ! Os céos encara,
E fita os olhos teus no vasto espaço :
Vê essas estrellas, que dardejam
Os reflexos de uma luz diamantina !

Esse sol, que vem lançando ígneas fitas,
Cujos raios além se espraiam radiantes:
Essa lua, —meiga virgem—, que vagueia,
Pela cerúla campina passeando!

E depois? Encara ainda as brancas nuvens
Esmaltadas pelo brilho e luz do sol,
Que percorrem o manto azul do firmamento,
E dissipam-se ao furor da ventania!

Abraça com tua vista o vasto mar,
Essas ondas, que se erguem encapelladas
E vêm beijar as praias alvacentas,
Cobrindo d'alva espuma!

Tudo é digno de tua lyra! Um canto agora
Da natureza ao Augusto Arquitecto!...
Um canto no alaúde! — E gratidão
A quem deu-te da poesia a luz brilhante!

É bello ver o lyrio debruçado
De um lago na flor e perfumado
Pela brisa, que ceva!

Do calix derramando o fresco incenso,
Que o throno perfuma do Deus immenso
Ao despontar do dia !

É bello ver ao longe no horisonte
O sol a descambar e junto á fonte
Nascendo a flôr !
É bello ver em bosque denso, umbroso,
A rôla soltar um canto melodioso,
Que diz:—amôr !

É mais bello ouvir-se os teus queixumes,
Que soltas inebriado nos perfumes
Das flores da vida !
É mais bello da existencia na aurora
Dar-te Deus uma lyra terna, sonora,
Tão sentida !

Canta pois, poeta eximio, teus amores,
Tuas duras afflicções, as tuas dores
Em carmes sentidos !
Desprende de tua lyra doces canções.
Que arrebatam dos que te ouvem os corações,
D'ellas possuidos !

Á MEMORIA

DE

MINHA PRESADA MULHER

M. L. S. Figueiredo

Fallecida a 12 de Novembro de 1883.

. . . . . .
. . . . . .
A lyra, que cantou o amôr ardente
Dos nossos corações apaixonados,
Gemerá de saudade eternamente!

FIRMINO DE FIGUEIREDO.

SAUDADE

Quatro auginhos deixaste n'orphandade
Sem abrigo maior que o peito meu !

(DO AUTOR.)

Prolongar se não fosse tu'amargura,
Desejava-te ver inda gemendo ;
Porque assim os meus olhos estavam vendo
Os teus olhos me olharem com ternura !

Sei que as larvas crueis da sepultura
Esfaimadas em bandos percorrendo
O teu corpo gentil, já estão roendo,
Sem pena de offender a desventura !

Mas tu alma vôou mansa, de leve,
Entregando a materia a escuridade,
Chegou aos pés de Deus em espaço breve!

Das santas regiões da eternidade
Pede ao anjo da morte que te leve
Do infeliz que te [illegible] saudade!

Recife, 15 Novembro [illegible]

SAUDADE

Da saudade eu presinto no relevo,
Que tu'imagem em meu peito está gravada
E revelam min'alma tão magua
Os versos que chorando agora escrevo.

Ai! Maria, tu foste o doce enlevo
Do poeta que cantou tua alvorada!
Foste tu que afinaste a malfadada
Lyra, que quebrar agora eu devo!

Os versos, que escrevi, pobres, coitados,
Para ti elles foram, para ti sómente,
E sómente por ti foram inspirados.

Pois a lyra que cantou o amor ardente
Dos nossos corações apaixonados
Gemerá de saudade eternamente.

Recife, 18 Novembro 1883.

O DESENGANO

Ai ! quão breve os meus dias de ventura
Se passaram ligeiros como o vento ;
Como um sonho que traz ao pensamento
Sublime inspiração que pouco dura !

Quatorze foram os annos de ternura,
De carinhos, de amôr, e n'um momento
Tudo, tudo cahio no desalento,
Jogado pela mão da desventura !

Eu, privado de ti eternamente
Hi! sentem a fata que me devora
As fibras de meu peito cruelmente!

Privado de te ouvir a voz sonora,
De ver-te, de abraçar-te ternamente
Não é dado ao infeliz que por ti chora!

Recife, 18 Novembro 1883

ALLUSÃO

Qual naufrago que sente a frouxa areia
Escapar-lhe dos pés tocando a praia ;
E no seio da vaga que desmaia
O misero se estorce, grita, anceia !

Mas, o esforço é de balde, a morte feia
Vem na vaga sentada e já se ensaia
Para o triste esmagar e de atalaia
O oceano de escutal-o se recreia !

Assim foi ! Quando a esp'rança nos sorria,
Do mau fado apagando as negras cores
Nos mostrava a ventura que surgia !

A vaga do infortunio em seus furores
Te arremessa d'encontro á lage fria !
Ai ! naufragio cruel dos meus amores !....

Recife, 28 Novembro 1883.

DESALENTO

Nunca mais te verei !.... Da sepultura
Esse anjo cruel, anjo maldito,
Esse monstro feroz, esse precito
Assim quiz perturbar nossa ventura !....

Para sempre abysmou em noite escura
O amôr de um coração que geme afflicto,
Sem conforto, a não ser o Ser Bemdito,
Que lhe torna mais branda a desventura !

Se de lá onde estás ouves o pranto
Do infeliz coração que por ti chora,
Escuta, Maria, quem te amou tanto!

Escuta as vozes de minh'alma agora
Maguada e triste por fatal quebranto
Da saudade feral, que me devora!

Recife, 14 Novembro 1883.

A VIDA

Onde os gosos da vida, onde a ventura ? !
Onde a paz, o descanço onde a alegria ! !
Se um prazer nos inventa a phantasia,
Pagamos o prazer com muita usura !

Quanta magua, meu Deus, quanta amargura
Nessa luta fatal de todo o dia !
E depois de cansados na porfia,
Pagamos um tributo á sepultura !

Em um dia sequer, se nos é dado
Um sorriso fallaz e mentiroso
Qne acalenta o viver do desgraçado....

Oh ! vem depois um juro rigoroso
Que no dia seguinte é-nos cobrado
Com supplicio cruel pr'a o desditoso !

Recife, 1883.

INDICE

CONFIDENCIAS	V
DEDICATORIA	VII
CARTA DO SENADOR POMPEO AO AUTOR	IX
Deus	1
Á minha Mãi	3
Um pranto	5
Quando eu morrer	7
No leito da morte	10
Canto no mar	14
Resignação	17
De tarde	20
Alta noite	22
Recordação	24
Magoas (offerecida ao eximio poeta Juvenal Galeno)	26
A Firmino Candido de Figueiredo (resposta a sua linda poesia — Magoas —, que dedicou-me, com as mesmas palavras finaes	28
Ao poeta Juvenal Galeno	30
Allusão	32
A flôr mysteriosa	34
Não creio em ti	36
Porque sou triste !	38

O mar 40
Recitativo (offerecido ao Dr. Franklin Tavora) 42
Canção 44
Rosa desfolhada 46
Que meigo perfil ! 49
O carvalho e a era 52
No baile 54
Fujamos 55
Recitativo (Elisa) 57
Esperança morta 59
Eu e tu 61
Os dois primos 63
Consolação 66
Vamos ? 69
O Inverno 72
Nova recordação 75
A tristeza 78
A virgem e a maripôsa 81
Modinha 83
Phantasia 85
A menina travessa 88
A sempre-viva 90
O pintasilgo 92
Aurora e crepusculo (Num album) 96
Os matames 98
Sorriso, amôr e sepultura (imitação) 100
Duas rosas (No album de duas irmans) 102
Canto do pobre (offerecido ao Dr. Antonio Mendes da Cruz Guimarães) 104
A rosa 106
A pensativa 108
O sol 112
Hymno (ao dia 7 de Setembro) 114
Ai ! não perguntes ! 116
A filha do mar (offerecido á A...) 118

O Cemiterio 122
Recordação no exilio 124
Versos de momento (offerecidos á minha filha Virginia) .. 126
A noite 128
A' memoria do mui caridoso e distincto medico Dr. Silvio Tarquinio Villas-Bôas 130
Hontem e hoje (ao mavioso poeta F. C. de Figueiredo)— Recitativo 132
A Firmino Candido de Figueiredo 135

Á MEMORIA DE MINHA PRESADA MULHER :

Saudade 141
Saudade 143
Desengano 145
Allusão 147
Desalento 149
A vida 151